

## SODOMIA: HOMOAFETIVIDADES A PARTIR DO DISCURSO DA DOCTRINA DO VALE DO AMANHECER

*Sodomy: homoaffektivities from the discourse of the doctrine of the Valley of Dawn*

Antonio Leonardo Figueiredo Calou<sup>1</sup>  
Rivalina Maria Macedo Fernandes<sup>2</sup>  
Rodrigo Brito de Almeida<sup>3</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é explorar, através dos conceitos da doutrina do Vale do Amanhecer, as perspectivas e visões sobre as categorias de sexualidades – com ênfase na homoafetividade – buscando apurar através da sua mística crença, os seus fundamentos para discussão do tema. Com isso, utilizamos da análise de discursos para compormos o pensamento espiritualista cristão ao qual defende a doutrina, sobre as questões que envolvem as sexualidades e, mais especificamente, as homossexualidades. Dessa forma, analisamos os discursos presentes em alguns textos e cartas que compõe o universo teológico do Vale do Amanhecer, dentre esses, se destacaram o acervo digital *Observações Tumarã* e o livro *Sob os olhos da Clarividente*, escrito pelo último marido da fundadora, Mário Sassi, onde está localizado o texto *Sodomia*, objeto essencial para constituição das análises encontradas neste texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homoafetividades. Vale do Amanhecer. Discursos.

**ABSTRACT:** The objective of this study is in the reality of the practice of the physical activities, with strings in the homoafetivity - in the objective to be matricature in the textual, they're their fundating studies for discuss the theme. Thereby, we use the discourse analysis to compose the Christian spiritualist thought to which the doctrine defends, on the issues that involve sexualities, and more specifically, homosexuality. In this way, we analyze the discourses present in some texts and letters that compose the theological universe of the Valley of the Dawn, among them, the digital collection *Observations Tumarã* and the book *Under the eyes of the Clairvoyant*, written by the last husband of the founder, Mário Sassi, where the text *Sodomia* is located, essential object for constitution of the analyzes found in this text.

**KEYWORDS:** Homoafetivities. Valley of the Dawn. Speeches.

<sup>1</sup> Sociólogo, doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

<sup>2</sup> Psicóloga, Mestre em Organizações Aprendentes pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

<sup>3</sup> Licenciado em Letras Libras, pós-graduando em Interpretação de Libras pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

## Introdução

O presente artigo é um estudo sobre os elementos que integram a doutrina do Vale do Amanhecer e sua vinculação com a sexualidade. Neste sentido, os objetivos são demarcados a partir de questões relacionadas à homossexualidade<sup>4</sup> e principalmente as contradições que a doutrina expressa sobre as bases articuladas.

O Vale do Amanhecer é uma doutrina espiritualista, nascida no berço brasileiro, que se constitui a partir do percurso da missão de uma médium que acreditava comunicar-se com espíritos e seres extraterrenos. Muito conhecida como “a Clarividente”, por seus dons mediúnicos, dispunha-se que a sua missão era trazer sobre o Brasil uma nova doutrina que pregaria “amor, humildade e tolerância”.

A doutrina então, se constituiria em um espaço religioso específico que se caracteriza pela “vontade dos espíritos” que dialogavam com a médium. O primeiro templo sagrado da doutrina é chamado Templo Mãe, e fica localizado em Planaltina, nas proximidades do Distrito Federal. Esse templo religioso se espalha em uma arquitetura própria por todo o país, sendo denominados de templos externos. Pelo seu caráter místico e sagrado, o Vale do Amanhecer é uma doutrina considerada de minorias, mas já se encontra em grande parte do território nacional e, inclusive, no exterior, em países como: Estados Unidos, Inglaterra, Portugal e outros. São mais de 680 templos cadastrados no site Portal Oficial dos Templos do Vale do Amanhecer (CALOU, 2018).

O Vale do Amanhecer nasce da crença do reencarne de um espírito que se considera iluminado por trazer nessa encarnação a missão que se funda na doutrina religiosa. Neiva Chaves Zelaya é brasileira, nordestina, nasceu no estado de Sergipe, viveu no período de 1925 a 1985, falecendo com complicações cardiorrespiratórias, movidas por uma tuberculose. Os adeptos da doutrina acreditam que foi aos 32 anos de idade que suas capacidades mediúnicas ou metafísicas<sup>5</sup> começaram a se manifestar. E a cada passo desses manifestos, os registros eram feitos sobre a exaltação deste “espírito iluminado”, a exemplo disso, o dia 9 de novembro de 1959, que, de acordo com o guia de consultas do Vale do Amanhecer, o acervo *Observações Tumarã* (2008), escrito por José Carlos Silva<sup>6</sup> (conhecido como Adjunto Tumarã), foi o dia em

---

<sup>4</sup> Por se tratar de conceito histórico, “homossexualidades” será uma palavra encontrada algumas vezes durante o texto, pois quando empregadas estaremos enfatizando a sexualidade enquanto discurso.

<sup>5</sup> O que chamaremos de metafísica, é uma ideia convencional sobre o que está para além da física.

<sup>6</sup> José Carlos Silva é considerado na hierarquia espiritual do Vale do Amanhecer, o regente de Mário Sassi que foi o último marido de Neiva e também o considerado codificador da doutrina. Silva seria seu regente, ou seja, o segundo agente no trabalho de organizar as obras que se constituiriam com orientação da Clarividente. O também

que “Tia Neiva ingressou na alta magia de nosso senhor Jesus Cristo” (s/p), uma espécie de escola mística onde somente a médium e alguns outros espíritos iluminados participavam, através de seus dons mediúnicos. Tais dons caracterizavam o poder que a diferenciava das outras pessoas. Neiva é considerada um espírito como Chico Xavier, João de Deus, Zé Arigó entre outros, que se tornaram personalidades pelos seus dons místico-espirituais no Brasil. Essa característica de espírito iluminado e superior, é bem enfática nos discursos do acervo *Observações Tumarã* ao seu respeito:

O potencial de Tia Neiva não pode ser resumido na clarividência, pois ela foi dotada de mediunidade universal, isto é, possuía todos os tipos de mediunidade, qualidade peculiar de um ser Iluminado, pois, segundo a Lei dos Grandes Iniciados, somente um Iluminado pode iniciar alguém. [...].

E tudo isso devemos à nossa Mãe Clarividente, Tia Neiva, Koatay 108, que representa, para nós, aquele **ESPÍRITO DA VERDADE**<sup>7</sup>, porque nos trouxe uma nova esperança, através desta Doutrina que nos libertou de dogmas religiosos e superstições, fazendo, em nossas mentes, a substituição de velhos ensinamentos, que exigiam a fé cega e desprezavam a razão, por noções simples e claras, com bases científicas, com ideias diretas e profundas que nos permitem entender o Universo que nos cerca, buscando o precioso veio da verdade nas diferentes correntes, religiões, seitas e filosofias, onde podemos buscar as grandes linhas trazidas de Capela, nos harmonizando e conciliando a Fé e a Ciência que nos impulsionam para a Nova Era. (Letra T do acervo, grifo do autor, s/p).

Outro personagem que se caracteriza como idealizador do espaço sagrado é o último marido de Neiva, Mário Sassi. De acordo com Rodrigues (2011) e Sena (2014), Mário é considerado o intelectual organizador da doutrina. Os adeptos da doutrina acreditam que a missão das almas-gêmeas de Mário e Neiva, era suposto de complementaridade nas funções que produziria a doutrina do Vale do Amanhecer, e é sobre eles que se caracterizam os ideais dualistas que a doutrina carrega, sob o ponto de vista das relações hierárquicas e de gênero. Como intelectual filósofo e cientista social, ele organizou toda a doutrina do Vale do Amanhecer, tentando fazer aproximações do universo religioso com algumas ciências e instituições políticas. Ele escreveu boa parte das obras que embasam as teologias do Vale do Amanhecer, trazendo histórias que constroem o discurso moral religioso. No entanto, não é somente de Neiva e Mário que o universo religioso se conduz. Apesar de Neiva ser a

---

conhecido Ajunto Tumarã, organizou uma obra com a maior parte dos documentos que embasaram o Vale do Amanhecer, condensando tudo numa produção que segue a ordem alfabética, ou seja, condensou o conhecimento do Vale do Amanhecer numa obra de A à Z. Essa obra foi intitulada de *Observações Tumarã*. Não há uma data que especifique quando a produção surgiu, mas levantamos a hipótese do ano de 2008 que foi quando um de nós autores obteve no formato de *CD-ROM*. O CD é composto de arquivos em *Word* e não tem numeração em suas páginas. Esta pesquisa segue analisando muitas das produções teológicas composta nessa obra, pois acaba se tornando a composição mais bem-acabada do meio religioso.

<sup>7</sup> Ao se remeter ao espírito da verdade, o autor se preocupa em justificar a passagem bíblica de João (XIV, 12 a 17 e 26), em que fala de Jesus como este espírito consolador.

protagonista principal no enredo produtivo e constituidor do Vale do Amanhecer, ela não contou somente com Mário para condução criativa do seu empreendimento. Mário não foi o único agente codificador e organizador da doutrina, Neiva contava com toda uma administração, uma gestão, uma cúpula de agentes religiosos adeptos de sua crença, que a ajudaram a idealizar e erguer todo o empreendimento religioso.

Grande parte das obras do Vale do Amanhecer tem influência do espiritismo kardecista que se desenvolve no solo brasileiro. Esses espiritismos<sup>8</sup> nascem previamente na interface da razão positivista de August Comte e sofre grande influência da psicanálise de Freud, sendo por ela estudada posteriormente. Hippolyte Léon-Denizard Rivail, também chamado de Allan Kardec, avaliando supostas experiências de vida após a morte, concebe luz acerca do espiritismo e sua criação, dentro de um contexto considerado por ele de caráter científico, filosófico e religioso (BIANECK, 2012; ARAUJO, 2016; NEGRÃO, 1993). Suas principais defesas consistem na ideia de reencarnação, sugerindo que o corpo ao qual compomos é habitado por um espírito, uma essência divina, que encarna no nascimento e desencarna ao morrer. A partir da reencarnação, instituem-se vários sentidos para explicar esse processo de vida após morte.

Numa espécie de transição de pagamentos, entre uma vida e outra, moldada pelo controle de ações e comportamentos, dar-se a teoria do carma. O carma é uma categoria teórica do espiritismo que recebe grandes influências acerca das teorias evolucionistas que eclodiam em meados dos séculos XVIII e XIX. Tal concepção afirma que, todo espírito encarnado passa por reajustes com suas vidas anteriores, buscando a sua evolução (santificação através da prática do bem). Neste sentido, o corpo humano morre, mas o espírito vive em constante evolução (MACHADO e PICCOLLO, 2010).

---

<sup>8</sup> É necessário fazer-se compreender que o espiritismo, apesar de nascer especificamente pelos ideais de Allan Kardec na entrada para o século XIX, não se caracteriza como de fundamentos teológicos homogêneos, tendo em vista que houve, no desenvolver de sua ascensão no ocidente, várias ressignificações, reapropriações e redirecionamentos dos seus conteúdos, possibilitando a criação de várias outras correntes espíritas. Dentre elas estariam: o espiritismo kardeciano que seria o espiritismo mais conservador e tradicional quanto aos fundamentos de Kardec, ligados estritamente as suas obras; o espiritismo kardecista, que apesar de se basear em Kardec acaba construindo novas versões e instituições específicas, mesclando outras teologias a suas correntes, como é o caso da ideia de carma, na qual não é mencionada nas produções de Kardec; e o espiritismo *à brasileira*, que poderia ser entendido com um espiritismo híbrido, sobre o qual realoca várias produções teológicas a experiência de sujeitos agentes políticos que criam mais outras versões do espiritismo, como são os casos de Chico Xavier, Divaldo Franco, Herculano Pires, e poderia dizer, a própria Tia Neiva, que bebe de muitos desses espiritismos; entre outros modelos que poderiam ser ressaltados (ARAUJO, 2016; STOLL, 2004). Por isso, no decorrer desta pesquisa, ao falar de espiritismo estamos falando e nos apropriando dessa pluralidade de hibridizações teológicas, mas em grande parte, estaremos voltando mais as ideias do espiritismo kardecista brasileiro, tendo em vista ser o que mais perpassa os fundamentos de Neiva e do Vale do Amanhecer.

O cristianismo tem grandes influências sobre a criação do espiritismo kardecista, pois, é através de uma tentativa de conceber razão sobre o evangelho de Cristo, foi que, Allan Kardec, escreveu o *Evangelho segundo o espiritismo* (2013), uma obra com uma vasta compreensão cristã sobre as ideias das teorias reencarnacionistas (esta obra é de grande relevância para alguns rituais do Vale do Amanhecer).

Mas não é só do espiritismo que o Vale do Amanhecer tira as aspirações para sua teologia, outros discursos são postos de outras convicções religiosas, apesar de muitas delas serem também sitiadas no espiritismo kardeciano, por exemplo, o conceito de polaridade energética que segue a crença chinesa do *Tao*, as polaridades que se completam. Tal categoria enfatiza que a polaridade energética do homem é positiva e da mulher negativa e que é por isso que se completam, pois se equilibram. A partir desta dualidade se explica uma gama de atribuições aos sexos nos rituais do Vale do Amanhecer, como as vestimentas, as posições rituais e sociais na doutrina e etc.

Diante disso, nascem convicções que evidenciam as oposições binárias de gênero e sexuais, sobre o berço de uma teologia que é articulada pelos líderes da doutrina e alocadas nos conceitos de “leis do amanhecer”, “conduta doutrinaria” e “hierarquia”. Com elas, todo um sistema de generificação de corpos é arquitetado em meio a sublimes discursos que se incorporam na identidade dos espiritualistas cristãos, moldando suas superfícies e suas subjetividades em face de uma crença. Consequente, a essa generificação de corpos, a doutrina também estabelece teologias que se articulam produzindo sentidos para as vidas dissidentes da norma heterossexual, dos quais emolduram certa discursividade de inclusão, mas que na verdade, impõem normalizações para a idealização de tratamento, de cura de seus comportamentos e de suas identidades sexuais.

Portanto, ao longo desse emaranhado de ideias, pensamos uma linha de raciocínio sobre a homossexualidade na doutrina do Vale do Amanhecer, porém esta linha terá formas variadas de ramificações, informações, dados, elementos, ligando ciência e religião. Enfatizamos então, as questões abordadas e os embates acerca do embasamento e criticidade científica que estão presentes na conjuntura que tornam algumas ciências legítimas no campo acadêmico e no religioso. Assim, dividimos o texto em dois momentos:

O primeiro momento consiste de uma breve explicação histórica da criação e percurso da doutrina Vale do Amanhecer, mostrando quais bases a deram vida, quem foi à médium

clarividente que fundou o conjunto de crenças, ritos e etc, e como a hierarquia orienta o sistema de leis mantendo a ordem dos comportamentos no recinto sagrado.

No segundo momento analisamos como a doutrina espiritualista cristã apresenta seus discursos sobre as homossexualidades, numa análise de discursos de base foucaultiana<sup>9</sup>, onde se analisa as supostas narrativas deixadas pela médium Neiva e fundamentos em livros da doutrina, no qual tivemos acesso a partir da participação de um de nossos autores na doutrina do Vale do Amanhecer.

Dessa forma, tivemos a pretensão de fazer uma análise crítica, entre teorias, discursos e observações junto a crença, buscando entender o pensamento científico/religioso da doutrina do Vale do Amanhecer sobre as bases das homossexualidades e como esse pensamento chegaria ao sujeito homossexual participante.

### **Um breve panorama histórico/conceitual sobre a doutrina do Vale do Amanhecer.<sup>10</sup>**

Esse universo doutrinário, conforme já mencionado, nasce no entorno do personagem de Neiva Chaves Zelaya. Tia Neiva, como é chamada pelos adeptos da doutrina, ficou viúva de seu primeiro casamento muito cedo, aos 22 anos e com quatro filhos. Para se manter, teve de procurar maneiras de subsistência e sustentação buscando formas alternativas de suprir suas necessidades.

A católica, apostólica e romana<sup>11</sup> - como enfatizou até o final de sua vida – e seus filhos, ganham o mundo, quando a mesma decide fazer-se itinerante nas situações profissionais como caminhoneira. De acordo com o acervo doutrinário chamado *Observações Tumarã* (SILVA, 2008), após sair de Ceres, onde tinha um estúdio de fotografia chamado Foto Neiva, ela juntou seus filhos e filhas, e fizeram moradia ainda em Uberlândia (MG), Barretos (SP), Paranavaí (PR) e Itumbiara (GO).

---

<sup>9</sup> O que estamos considerando como análise do discurso de base foucaultina, caracteriza-se pela afinidade e proximidade que temos com as ideias que pautam o livro *A ordem do discurso* (2014). Para Foucault, todo discurso contém em seus enunciados formas de produção de poder, ou seja, sobre os discursos em movimento se moveria e se formariam as relações de poder que se manifestam feito uma microfísica nas relações sociais. Diante da tal perspectiva, a análise do discurso foucaultina nos indica a procura de, nos meandros dos discursos, fazer ver a produção de poder.

<sup>10</sup> As considerações conceituais ao qual falamos, se caracterizam pelos estudos teóricos ao qual analisamos o Vale do Amanhecer.

<sup>11</sup> Essa identidade ainda é um grande incomodo para alguns médiuns participantes do Vale do Amanhecer, pois há certa incoerência sobre a identidade de espiritualistas cristãos. Ao se identificar como católica ortodoxa, ela é a única dentro do Vale do Amanhecer que tem duas identidades, pois pelas próprias leis deixadas por ela, o jaguar (mais um termo para identificar os espiritualistas cristãos) não deve participar de outros rituais em outros contextos, tendo em vista que ao fazerem estariam cruzando forças. Há portando um paradoxo real neste aspecto.

Neiva e seus filhos se tornam, antes de tudo, viajantes, e gostaríamos de pensar agora sobre este aspecto, buscando trazer aquilo que estivemos tentados a perceber sobre o Vale do Amanhecer e sua formação, nos deslocamentos de seus viajantes. Aspecto, no qual, pouco importou nas afirmações de muitos estudiosos do fenômeno religioso. A caminhoneira e candanga<sup>12</sup> viajante, apesar de não sair de seu país, se deslocou, fez morada e se desfez delas várias vezes, movimentando no seu corpo novas constituições, regras, normas, políticas, novos conhecimentos, novas subjetividades e intersubjetividades de costumes e culturas que são também discursos e moldam sujeitos.

Em 1957, ela fez morada em Goiânia (GO), mas no mesmo ano mudou-se para o núcleo dos Bandeirantes, movida pelas oportunidades de emprego que surgiu na construção da nova capital, Brasília. Foi nesse ínterim, aos 32 anos, que Neiva começou a manifestar sua mediunidade, por meio da clarividência<sup>13</sup>, o que de acordo com Sassi (1979), foi um penoso momento de sua vida. Por ter tido ela bases sólidas no catolicismo, acreditava que estava ficando louca, pois conseguia comunicar-se com espíritos e outros seres, assim como podia ver o passado e o futuro das pessoas (SASSI, 1979). Nesse mesmo ano, conheceu mãe Neném<sup>14</sup>, personagem que pouco se fala em meio aos seus seguidores, mas que tem grandes influências na adaptação de Neiva no espiritismo. Mãe Neném, foi ao que parece, sua mentora nos caminhos do espiritismo e foi com ela que Neiva deu o seu primeiro passo como sacerdotisa de uma doutrina.

Em 1958, ela deixou o núcleo dos Bandeirantes e seguiu junto com seus filhos e um grupo, que de acordo com Silva (2008), era formado de mais cinco famílias espíritas, se deslocando para Serra do Ouro Preto em Goiás. Naquele espaço ela fundou a UESB – União Espiritualista Seta Branca – com um pequeno e rústico templo, onde atendia seus pacientes e formava os médiuns que começaram a chegar no local. Neste período, viviam em comunidade onde buscavam certo tipo de autossustentação; plantavam e colhiam, faziam farinha para vender nos locais urbanos mais próximos. Seguindo instruções do espírito que lhe acompanhava e que

---

<sup>12</sup> Termo utilizado para referenciar aqueles e aquelas que se deslocavam para as construções da capital em busca de oportunidades de emprego.

<sup>13</sup> Clarividência é um termo utilizado no universo espírita para explicar o dom de ver e ouvir o passado, o presente e o futuro, assim como o dom do diálogo com aqueles que não estão mais vivos.

<sup>14</sup> Apesar de ser frequentemente apagada da história do Vale do Amanhecer, mãe Neném, ou tia Neném, teve bastante influência sobre a inserção de Neiva no espiritismo. Mãe Neném foi uma personagem conhecedora das principais obras do espiritismo tanto de Kardec, quanto de Chico Xavier e demais espíritas brasileiros. É a partir dessa sua formação que ela vai conduzindo os médiuns que a procuravam; ela usava as técnicas ensinadas nos livros para desenvolver seus médiuns.

deu nome à comunidade, pai Seta Branca (um de seus mentores espirituais), Neiva implantou ali um orfanato e um hospital que acolhia cerca de 80 crianças (SILVA, 2008).

De Brasília, Neiva segue para Taguatinga, em abril de 1964 e funda as Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã - OSOEC. Nesse espaço, constroem barracões de madeira onde viviam e usavam como templo espiritual. Em 1969, ainda procuravam o local desejado (conforme Neiva) pela espiritualidade maior (os espíritos da crença), para compor o templo principal. Em uma das viagens de seus médiuns, o caminhão atola em meio a uma tempestade. Após ser informada, ela afirmaria ter sido esse o local escolhido. Tratava-se de uma zona rural da cidade vizinha a Brasília, Planaltina, cuja área satélite se aproximava do riacho Pípiripau, como um grande vale que teria um lindo amanhecer do sol em meio ao cerrado, o pressuposto que resultou no nome Vale do Amanhecer (SASSI, s/d; 1979; 1985; ÁLVARES, 1992).

A Ordem Espiritualista Cristã - OSOEC, também se tornou uma instituição patenteadas, de natureza beneficente, prescrita pelas leis vigentes do país como instituição religiosa que cumpria com um estatuto e que tinha base na crença da médium clarividente, Neiva Chaves Zelaya. Sobre o qual, prestava trabalhos sociais junto aos estudos do evangelho de Cristo e das premissas espíritas, das suas ramificações e também das ressignificações por Neiva instituídas.

Como se pode perceber na história da constituição do templo e arcabouço sagrado da doutrina do Vale do Amanhecer, o deslocamento e a produção do conhecimento em meio a vários contextos vividos pela sua precursora, também se mostra como configurações que pautam o curso desse processo formador. Seus deslocamentos são característicos dos Novos Movimentos Religiosos que ganham espaço nos anos de 1960, sob o caráter de um conhecimento que se hibridiza, ou seja, novas significações são dadas as formulações religiosas tradicionais, se misturam e se ramificam, se recriam ou se criam em novos aspectos e nomenclaturas (GUERRIERO, 2006; 2008):

A fluidez da identidade religiosa se apresenta de forma mais ou menos explícita, considerando os diversos contextos em que a mesma se insere, no entanto, ela sempre se encontra presente. [...]. Neste novo cenário as identidades religiosas assumem um caráter cada vez mais subjetivo, e intersubjetivo, trazendo para a esfera individual as possibilidades de arranjos identitários. [...]. Claro que, o grau de manobra do indivíduo, no plano da elaboração de sua identidade religiosa, vai depender de uma série de fatores que o situa socialmente. Questões como classe, gênero, grupo etário, cor, vão pesar significativamente sobre as possibilidades de ampliação ou restrição de seu universo de escolhas e de elaboração. (OLIVEIRA, 2011, p. 71-72).

Esse aspecto híbrido compõe também a crença do Vale do Amanhecer, no que diz respeito à interiorização dos fundamentos que embasam as leis e normas de Condutas

Doutrinárias, a sua hierarquia, a constituição dos seus espaços e todo o aspecto subjetivo das identidades que se formam com o nome de Espiritualistas Cristãos.

Sobre a sua formação enquanto doutrina espiritualista e religiosa, o Vale do Amanhecer não se distingue muito do caráter dos espiritismos kardecistas ou à brasileira. Em forma crítica comparativa do sistema de religiosidade, a própria fundadora assume essa aproximação de concepções e teorias.

Há muitos anos venho tentando esclarecer o espírito da Verdade, porém sem qualquer pretensão ou interesse em divulgar o Espiritismo, o Espiritismo tão profanado por todas as religiões. O Espiritismo classificado de Allan Kardec é o único aceito, que ainda se respeita. Não podemos negar que somos baseados nele. (Tia Neiva, 20.6.75). Utilizamos o termo **espírita** para designar aquele que professa o Espiritismo, isto é, o seguidor da Doutrina Kardecista, e **espiritualista** para os que seguem outras linhas de manipulação das forças espirituais. (Letra E do acervo, grifo do autor, s/p, SILVA, 2008).

Mesmo atribuindo a mesma concepção do espiritismo, Tia Neiva se caracteriza diferenciada da vertente primeira do espiritismo, como também da umbanda e do candomblé (religiões de matriz afro-brasileiras com práticas/rituais que se aproximam o Vale do Amanhecer). Mesmo sendo originária do Brasil como a umbanda, ambas de ramificação do espiritismo kardecista e do candomblé que são de origem francesa e africana, tanto o Vale do Amanhecer, como à umbanda, não se identificam com suas constituições enquanto religiões. A umbanda tem uma especificidade que alguns pesquisadores costumam trazer a reflexão sobre o caráter da questão de ser uma religião de matriz africana, mas que se elitiza pelo kardecismo, acreditando-se ter raízes nele (BIRMAN, 2005; NEGRÃO, 1993). O Vale do Amanhecer reconhece a influência do espiritismo, mas não se caracteriza como tal.

Eu sou uma espiritista, sou clarividente, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo! Tenho o meu ritual de trabalho, que não posso dizer que acompanho Allan Kardec ou que seja umbandista, e nem tão pouco do Candomblé. Não sou porque amo a minha corrente, tenho a minha missão.  
Se não sou Kardecista, Umbandista ou do Candomblé é apenas porque tenho minha missão. Porém, amo a todos!  
Sei que vai haver uma unificação entre nós, porém isto é muito delicado, pois não sabemos qual será escolhida por Deus para unificar as outras três. Mas, não me preocupo quanto a isto!” (Tia Neiva, 20.6.75). (Letra E do acervo, s/p, SILVA, 2008).

Podemos perceber um sentido no que difere o que é o espiritismo kardecista do espiritualismo cristão ao qual defende a Tia Neiva para a doutrina do Vale do Amanhecer. No entanto, tal categoria parece ir pelo inverso do que o autor Carlos Alberto Tolovi teoriza sobre o tema em questão, onde caracteriza como “a busca de uma relação com o divino, entendendo que isso pode acontecer no profundamente humano. Quando a religião ajuda a negar o mundo, para suportar o “mundo”, ela se transforma num ópio [...]” (2005, p. 24).

O espiritualismo cristão então é um discurso existente no âmbito sagrado e identifica os sujeitos participantes da doutrina do Vale do Amanhecer, sem que sejam confundidos ou misturados a kardecistas, umbandistas ou candomblecistas.

Outra categoria teórica da doutrina que é base para compreender o seu sistema de leis e o controle de comportamentos sobre o âmbito sagrado, é a hierarquia. É na hierarquia que aparece o sentido mais explícito do funcionamento do Vale do Amanhecer, através dela percebe-se toda uma conjuntura de construções que se manifestam por meio de leis criadas e deixadas pela Clarividente como forma de organização e de poder legítimo no espaço sagrado.

Filhos, hierarquia foi do que avisei!

Somente o Adjunto pode remover seus mestres e promover eventos, ou, sabe Deus, o que lhe convém.

Em iminência de fatos contrários à Doutrina, princípios sociais do Templo ou na conduta doutrinária, os Trinos Presidentes estão autorizados por mim, na figura de Koatay 108, a impedir ou mudar uma ordem de um mestre Adjunto. (Tia Neiva, 18.2.79). (Letra H do acervo, s/p, SILVA, 2008).

Sobre as bases de um trecho de uma oração cristã, os conceitos sobre hierarquia vão se fundamentar. Utiliza-se do fragmento “assim na terra como nos céus<sup>15</sup>” para explicar que, como na terra dos seres humanos existe uma hierarquia sobre os papéis sociais, no seu sistema de interações e relações sociais que acabam por identificar personalidades em destaque, como o presidente da república e as demais hierarquias, nos céus ou planos espirituais, não é diferente, existe da mesma forma uma hierarquia. Tal concepção teórica poderia nos abrir um legue de reflexões acerca de sua criação com base nos sistema capitalista, vivenciado no contexto social e político do país, como também, questionamento do tipo: será que por influência da história dos “espíritos” ao qual conversava, em que esses teriam vivido em tempos de reinado, não pensaria, a médium, a teoria da hierarquia por essa perspectiva? Ou, ao que Calou versava quando faz uma análise da conjuntura política da religião.

Tais características da doutrina nos fazem correlacionar ao modelo do espaço em que ela nasce. Nascida sobre o berço da política no Brasil, a doutrina do Vale do Amanhecer parece carregar em si muitos atributos de quem compreendia esse espaço, falando de sua criação pela Clarividente. O que nos faz pensar também a arquitetura do templo do Vale do Amanhecer, sendo projetado nas proximidades da cidade projetada, Brasília.

Ao criar o Vale do Amanhecer, Tia Neiva cria um conjunto de regras e normas que inferem qualquer reprodução sem autorização ou permissão dela. Regras e normas

---

<sup>15</sup> No Vale do Amanhecer, a oração cristã conhecida como “Pai Nosso”, é ressignificada e modificada em alguns trechos, movendo em seus enunciados para o entendimento e acolhimento as teorias espíritas. Em algumas partes da oração essa ressignificação é bem enfática, por exemplo, “assim na terra como nos céus”, a palavra “céus” é trocada pela expressão “ciclos espirituais” que denotaria uma explicação espírita para “céus” que vem na oração no plural. Para os adeptos, não existe um único céu, um paraíso como se acredita no cristianismo, mas ciclos espirituais, em que cada espírito ao desencarnar irá ocupar um deles, julgado pelas suas atitudes quando encarnado.

denominadas pelos líderes, de leis do amanhecer. Essas leis correspondem a uma espécie de controle dos corpos nos espaços/rituais e impõe uma perspectiva de respeito dos liderados para com os líderes. (2015, p. 3 e 4).

Mas tais concepções teóricas não nos cabem pensar neste artigo, desde que o nosso interesse fim é chegar ao patriarcado, ao qual, a doutrina dará ênfase sobre a hierarquia e a necessidade de obediência por ela. Pois, ao criar um conjunto de regras e normas para o espiritualismo cristão do Vale do Amanhecer, Neiva desautoriza qualquer reprodução sem sua permissão e, antes de falecer (ou desencarnar, como se diz na doutrina), ela deixou uma espécie de perpetuação de poder religioso que é pautado pelo patriarcalismo, ou seja, após ela os seus, marido e filhos (homens) é que comandariam a doutrina religiosa. A potência é essencialmente masculina nas leis deixada pela Clarividente.

Isso se configura em mais um arcabouço de criação de conceitos ao qual se tenta envolver o pensamento cosmológico explicado por um tom científico. Dentre eles, destacamos um que se desenvolve neste aspecto, o chamado de polaridade energética. Tal categoria conceitual enfatiza que a polaridade energética do homem é positiva, e da mulher, negativa, e que é por isso que se completam, pois se equilibram. A partir da dualidade ao qual o conceito traz, se explicam uma gama de atribuições aos sexos nos rituais do Vale do Amanhecer; as vestimentas, as posições rituais e sociais na doutrina, etc.

Outras concepções caracterizam a posição dualística dos gêneros sobre a hierarquia e o controle dos corpos. E muitas delas não existem uma explicação supostamente científica. Vejamos sobre as leis, somente os homens podem comandar os trabalhos/rituais e serem presidentes de templo, a mulher<sup>16</sup>, cabe ser a sua companheira nos rituais e a alguns outros afazeres que seriam supostamente femininos. Sobre a classificação dada a cada um dos gêneros, ao homem, o “mestre”, que poderíamos pensar na exaltação de um ser sábio dotado de certo conhecimento, a mulher, a “ninfa”, um ser elemental mágico que representa ternura, carinho e fragilidade. Poderíamos passar a discutir várias análises acerca do pensar espiritualista cristão do Vale do Amanhecer sobre as categorias de gênero, no entanto focaremos agora sobre uma reflexão ao qual discutiremos no capítulo posterior. Se assim conceitua a doutrina do Vale do Amanhecer sobre as concepções de sexo e gênero, dentro de um dualismo normativo, o que pensa a doutrina sobre a homossexualidade?

---

<sup>16</sup> A mulher de um presidente é chamada de Áponara, uma espécie de primeira dama na hierarquia da percepção espiritualista cristã, mas que tem funções específicas no templo.

## **Análises dos discursos sobre a homossexualidade na visão espiritualista cristã do Vale do Amanhecer.**

Desde a publicação de *História da Sexualidade: a vontade do saber*, entre outras obras, Foucault (2012) vem trazendo luz aos pesquisadores que se aventuram as análises das temáticas que em seus discursos envolvem a sexualidade como categoria de interferência social. Embasados pelas perspectivas teóricas que Foucault nos concebe, conseguimos pensar sobre o caráter do discurso acerca de algumas instâncias (aqui enfatizadas pela religião e a ciência), as mesmas conotações de gestão de corpos ao qual Foucault visualizava na constituição da sexualidade até o século XIX e depois dele.

Através do discurso, e do poder a que ele gera, Foucault (2012) nos coloca frente ao domínio religioso, sobre o cristianismo e a geração dos corpos dóceis, na constituição desse discurso. Corpos que são controlados através dos enunciados teológicos que se embasam de um construto cosmológico ou mítico da realidade humana.

Judith Butler (2015), nos apresentar como um corpo - enquanto produção discursiva – era visto antes de sua científica formação natural. Sim, pois o corpo também tem em sua raiz, significações em que outrora não somente designava o sexo e seus comportamentos sociais, mas que era ele próprio o instrumento por onde se manifestavam desejos, e tais desejos seriam sintomas culturais, e para enredar o contexto religioso, seriam eles, sinônimos do pecado, do qual a lei divina abominaria e sobre o qual, se deveria manter cuidado.

Nessas enunciações cristãs que influenciaram várias instâncias pós-século XVIII, o corpo era a carne, a culpada pelos gostos nefastos dos desejos que por juízo de deus e a lei a ele atribuída, era condenada. Essa discussão tem a ver com a alma, um item poderoso, invisível, que estaria dentro ou possuindo um corpo. A alma, substância sagrada, personificaria a dualidade oposta do corpo que está dentro dele e presa a ele, mas que o rejeita, rejeitando todas as produções dos seus efeitos. O corpo, por sua vez, seria a superfície na qual se apresentaria as leis divinas da alma, sendo por elas regimentada. Nesse contexto, o corpo faria um papel ambíguo, passando a ser espaço de manifestação da alma que, ao tempo que o ocupa, o rejeita. (BUTLER, 2015).

As bases cristãs inferem nas bases científicas da psique, que se atribui do conceito de alma como uma consciência coerente habitante de corpos. Porém, subvertendo a ideia e pegando o gancho emprestado das análises de Foucault e Nietzsche – que tinham por premissa, o corpo como uma substância neutra por onde se inscrevia normas reguladoras, não só de

gênero, mas de raça, sexo, sexualidade e etc, – Butler vem refletir e nos afirmar que, não seria a alma o sujeito que habita, mas seria ela "a prisão do corpo" (BUTLER, 2015, p. 234).

É com esses subsídios refletidos (e outros mais) que Butler irá conceber o corpo como uma superfície onde se inscrevem normas, condutas, leis, que são incorporadas, moldadas e instituídas como fonte de sobrevivência social. Tais normas se concretizam como grades que expõe fronteiras sobre as identidades, impossibilitando sua passagem sobre o risco de sofrer duras penas. Dessa maneira, o corpo estaria cercado por fronteiras que não podem ser atravessadas, mas que devem seguir suas determinações históricas, políticas, culturais e sociais. Então, é sobre o corpo que se inscrevem os domínios das normas que partem das construções discursivas de gênero e sexuais, modelando-o sobre o conjunto de ficções reguladoras de coerência heterossexual, sendo por ele representado através de atos, ações, gestos, comportamentos e etc.

Os enunciados teológicos religiosos, constituem-se consigo uma interessada produção de corpos. Suas histórias e mitos tendem de alguma forma instituir normas subjetivas e regulatórias para o movimento dos fies que a aderem. Tais leituras textuais e/ou orais fundamentam a concepção de uma doutrina, materializando todo um sistema jurídico regulatório dessas vidas aderentes. Entendendo seus fundamentos, é possível entender os interesses dos próprios agentes criadores, bem como os movimentos dos corpos de seus agenciados. Portanto, se faz necessário conhecer alguns discursos que pautal o Vale do Amanhecer sobre as homossexualidades.

A doutrina do Vale do Amanhecer sobre um caráter também cristão, não se classificará diferente das demais ramificações do cristianismo. As construções com base a sexualidade terão grande ênfase nos discursos religiosos.

O que primeiro precisamos analisar é a crença sobre a magia sexual. Essa concepção teórica bem kardecista e conseqüentemente cristã, impõe o sexo a uma medida a se conservar. Acredita-se que o sexo não pode se manifestar por formas “promiscuas”, que é necessário pensá-lo como articulação do amor entre duas pessoas. Essa perspectiva embasa a teoria do sexo como monogamia, e que, o que passa dessas bases, pode estar no espaço do que seria promiscuo, assim como qualquer interesse casual de fazer sexo somente por satisfação. A magia sexual é a forma energética a que se trabalha sobre o sexo. O espírito encarnado que sente desejos erótico-sexuais compulsivamente, precisa tratar-se pela magia sexual de seu carma, pois isso pode ter grandes conseqüências dos feitos de suas vidas passadas (GIUMBELLI, 2005;

MACHADO e PICCOLLO, 2010). Dentro dessa teoria esquece-se que o sexo é uma necessidade humana.

A homossexualidade nessa visão é um carma que quem vai escolher superá-lo ou não, é o sujeito homossexual. Neiva no texto *Sodomia*, escrito no livro *Sobre os olhos da Clarividente* (s/d), vai trazer concepções muito além da espiritual de um carma. Na história muito conhecida como *O Cabeça Grisalha*, a homossexualidade se caracteriza como uma doença física e espiritual que se manifestará em cada sujeito por uma consequência diferente, que sai desde desilusões amorosas ou traumas de infância, aos acontecimentos de vidas passadas.

O espiritismo kardecista resume a homossexualidade a uma sequência de várias encarnações sobre um mesmo sexo, e por isso, a manifestação do desejo pelo mesmo sexo. Para o espiritismo kardecista um espírito que reencarnou várias vezes como homem, pode trazer numa reencarnação como mulher, todos os comportamentos e desejos supostamente masculinos de suas vidas anteriores. No entanto, esse será seu carma, pois mesmo desejando outra mulher, o “certo” para o espiritismo é conter o desejo e seguir o seu “sexo natural”, ou seja, seguir o determinismo biológico, para iluminar-se. O natural então seria a dualidade dos sexos em favor de um suposto equilíbrio e da reprodução (MACHADO e PICCOLLO, 2010).

No Vale do Amanhecer a necessidade de assumir seu sexo biológico é clara para os homens mestre, comandantes e presidentes de templos. É uma regra a ser seguida de acordo com o acervo Observações Tumarã (2008).

Por isso podemos admitir, na Doutrina, um componente homossexual, mas devemos esclarecê-lo para a necessidade de se manter dentro de um comportamento em que se mantenha usando as indumentárias apropriadas para seu verdadeiro sexo. [...]. Assim, para aquele que se apresenta para o Desenvolvimento, trazendo a carga de uma homossexualidade ativa e aparente, devemos, com muito tato e respeito, informar a necessidade de assumir sua real condição de homem ou de mulher, para caminhar na Corrente, podendo, fora dela, usar seus artifícios e assumir a forma que lhe fizer feliz. Temos que respeitar o homossexual como a qualquer outra pessoa, porque tem um pesado resgate em sua trajetória, uma vez que a maioria dos casos implica no reencarne de um espírito com grandes dívidas transcendentais, que se perdeu na tônica sensual em vidas passadas, e que volta a este plano para o reajuste. (letra H do acervo, s/p).

Podemos notar uma grande tentativa de pensar a inclusão ou aceitação de homossexuais na doutrina, se embasando pelo discurso do respeito e da ideia de compaixão ao carma que trazem sobre a teoria reencarnacionista. No entanto, seria claro que a travestilidade e a transexualidade, sobre a base das construções ritualísticas, não podem adentrar nos espaços religiosos, na condição participativa, sobre o seu caráter de identidade de gênero. Neste caso,

mesmo tendo identidade e corpo de uma mulher, a travestir e o transexual deve manter-se assumindo seu “verdadeiro sexo”, comportando-se e vestindo-se como tal, nas situações ritualísticas e no espaço sagrado.

Tentando dar sentido científico atrelado às ideias míticas, o autor de *Observação Tumarã* (2008) aproxima suas teorias de ciências como à psicologia, a psicanálise e a genética, para então determinar causas, tendo em vista pensar-se como uma patologia mental. Sendo assim, aponta no seu discurso a cura ou a existência de tratamento para “homossexualismo”, pela via da doutrina do Vale do Amanhecer.

Desilusões, traumas infantis, desvios da função sexual, desajustes da libido, muitos outros fatores determinam a homossexualidade, que devem ser objeto de atenção dos pais desde a infância de seus filhos, e cabe a nós, na Doutrina, o atendimento de cada caso da melhor forma que possamos fazê-lo, cientes de que a sensibilidade dos homossexuais é muito mais acentuada, poupando-lhes humilhações e ofensas, buscando harmonizá-los com as Leis do Amanhecer e explicando a necessidade de assumir, caso comecem seu Desenvolvimento, a posição compatível com seu sexo real, a fim de que sejam evitados incidentes nos trabalhos espirituais.

Há inúmeras causas para o homossexualismo, mas, na maioria, oriundas da má orientação paterna.

Mas, sejam de origem transitória ou transcendental, o remédio é a intervenção oportuna, tanto na cura médica como na cura espiritual.

O período ideal para intervir é entre os sete e os dezoito anos, embora possa haver cura mesmo depois dessa idade. Tudo depende do estado do paciente e das várias particularidades de cada caso. (letra H do acervo, s/p).

Tantas tentativas de aproximação com ciências, apresentando discursos que parecem querer compor-se no estado de razão, não caracterizam qualquer função que provem a homossexualidade como uma patologia. Foucault (2012) ao caracterizar o discurso científico como mais um precursor dos estigmas acerca da sexualidade, nos esclarece sobre uma reflexão do que está no campo do normal e do patológico, e de quem convencionou e legitima cada classificação. As ideias perpassam o poder de legitimação das ciências médicas através dos discursos. Poderíamos então pensar se a razão científica, as quais as teorias que julgam o espiritualismo cristão, não foram influenciadas também, pelos mesmos discursos que almejam interesses capitalistas de poder, ao tempo que se legitimam no campo da verdade pelo o discurso de cientistas? São concepções realmente vindas de espíritos e seres sobrenaturais, ou são construções sociais influenciadas pelos mais vários discursos?

As causas ao qual cita o autor de *Observações Tumarã* serão bem enfáticas no texto *Sodomia*, escrito e narrado por Mário Sassi, último marido de Neiva. O texto trata-se de uma conversa entre os dois sobre um dos pacientes de Neiva, a quem chama de *O Cabeça Grisalha*. Neste texto a médium adota várias causas de origem supostamente científica e cosmológica,

colocando sobre a vida de um único homem, todas as causas imaginadas para a homossexualidade. Coloca suas ações e comportamentos como dividas que ele teria de pagar.

A primeira causa é dada pelo discurso da desilusão amorosa com uma mulher. A imaginação recorrente as desilusões são altamente criticadas hoje. Questiona-se a homossexuais: como sabem se gostam ou não do sexo oposto, se nunca provaram? Mas quem afirmou que alguns nunca provaram? E quem realmente não provou, qual a necessidade de provar? E se colocarmos em contraponto a heterossexualidade, como sabe que não gostam do mesmo sexo se nunca provaram? Todas as pessoas têm realmente que se afirmarem sexuais? Ser rejeitado por alguém do sexo oposto, é realmente suposto de aversão ao sexo? Todas as pessoas são iguais? A desilusão na história foi uma causa que colocou a homossexualidade na categoria de “práticas anormais” pela médium que, ao mesmo tempo, se colocar como cura do Cabeça Grisalha.

Aos vinte anos, ele se apaixonou por uma jovem, com mais ou menos a sua idade, mas teve medo de ser impotente, pois nunca havia sentido atração sexual. Embora se preocupasse muito com o problema, tinha ideias tão falsas a respeito que só o sentiu, mesmo, quando começou a amar e pesou a responsabilidade.

O fato é que, preocupado, não prosseguiu na corte, e a moça, alguns meses depois, se casou com outro.

Ele entrou em estado depressivo, e começou a beber. Embriagava-se constantemente, e chegou ao ponto de perder a consciência do que fazia nesse estado.

Várias vezes tentou o suicídio, sem conseguir seu intento.

Inexoravelmente, foi se entregando às práticas anormais, e se tornou escravo da homossexualidade.

Procurou a Psiquiatria, a Psicanálise, e, até mesmo, tentara se converter a uma religião, tudo sem resultados. Eu era sua última esperança. (Sassi, s/d, p. 109).

Em um segundo momento as causas são explicadas pelo plano cosmológico. Nesta parte da história, Neiva aparece com o dom da clarividência para entender o que foi feito pelo espírito do Cabeça Grisalha “para carregar o peso da homossexualidade”. Ela se utiliza das cidades de Sodoma e Gomorra citadas na bíblia cristã para narra as supostas vidas passada do Cabeça Grisalha.

Diante dos meus olhos, foram aparecendo cenas de Sodoma e Gomorra. Eram cenas degradantes de práticas sexuais bizarras. Pude ver pessoas de alta categoria social se entregando às práticas bestiais, sempre prevalecendo à exploração dos poderosos contra os menos afortunados.

Na repetição dos enredos se notava o assassinato como a última etapa da sanha animalesca.

Mediante uma técnica, para mim incompreensível, fui percebendo o que se passava com as vítimas daquele inferno físico e moral. Os espíritos desencarnavam com tanto ódio que, rapidamente, se transformavam em ovóides. [...]. (Sassi, s/d, p. 109).

Com a criação de uma nova categoria para compor ao espiritualismo cristão, Neiva apresenta o ovóide, uma espécie de espírito vampiro que toma forma de ovo e aloja-se no corpo

espiritual de um indivíduo, afetando diretamente seu físico com alguma doença. A causa disso é uma cobrança das relações de suas vidas passadas. Essa perspectiva tende a querer explicar como se desenvolvem doenças, dentre elas distúrbios mentais no corpo humano. As consequências com relação ao carma não são aleatórias, ou simplesmente acontecem, elas tem um julgador (Deus), que julga se um espírito poderá cobrar o outro em certa vida.

No caso dos ovóides, esta é a forma mais simples que um espírito pode tomar depois de uma encarnação. E não é só a forma que importa, mas, também, a concentração dos princípios vitais, como no ovo das aves, dos répteis, etc. Os espíritos ovóides são os mais comuns no mundo invisível que nos cerca. Eles enxergam e ouvem, num raio de dois metros em torno deles. Sua capacidade de aderência é espantosa. Por invisíveis mecanismo de ódio, eles aderem ao encarnado, e provocam os mais variados sintomas de moléstias, em sua maioria de ordem convulsiva. A esses espíritos se devem doenças como labirintite, meningite, deformações da coluna, disritmia e inúmeras formas de distúrbios mentais e neurológicos.

Sua aderência se faz de duas maneiras: por compressão e por vampirismo. Atuam como corpos estranhos no organismo e, ao mesmo tempo, como sanguessugas, alimentando-se de nutrientes nobres do organismo, como hormônios e plasmás sutis.

Aqueles espíritos desencarnados naquela era remota tomaram, pois, a forma ovóide, e ficaram, durante alguns milênios, esperando a reencarnação apropriada de seus algozes, que lhes dariam o momento das cobranças. [...].

No caso presente, aquele seu cobrador, naturalmente com a permissão de Deus, se instalou, aderindo-se ao aparelho genital do Cabeça Grisalha, que passou, sem o saber, a candidato à impotência a sodomia. (Sassi, s/d, p. 110).

Esse espírito, denominado de ovoide, traria consigo uma carga de ódio que seria o suposto discursivo que inferia na infecção físico/espiritual do ser homossexual, sobre a perspectiva de um carma. Então, para ser a causa da homossexualidade, ele se alojaria na região sexual do ser a ser cobrado. Estando em outro lugar do corpo, seria suposto de outra patologia.

No terceiro momento da história, as perspectivas conceituais acerca de uma suposta prevenção, se caracterizariam pela categoria da culpa. Neiva em seus discursos põe a culpa em pais e educadores pela não interferência – que para ela parece clara – da homossexualidade em um indivíduo.

Se ele tivesse recebido melhor atenção de seus pais, dos professores e das pessoas que o cercavam, tanto seu aspecto físico como seu comportamento teriam denunciado a anormalidade.

A criança, quando é sadia, chora bem alto, para garantir sua alimentação, e assim são todos os seus atos subsequentes.

A primeira anormalidade que deveria ter sido notada no Cabeça Grisalha era justamente essa, de introspecção, timidez excessiva e ares de geniozinho solitário. A ausência de uma educação sexual sadia e a presença atuante da educação deformada completaram o serviço. No lugar da manifestação sexual normal, condizente com cada etapa do crescimento, o nosso amigo mergulhava, cada vez mais, na anormalidade. A aversão por meninas, seguida pela etapa de apaixonamento fácil, é um importante sintoma de normalidade.

Mas se houvesse, digamos, apenas um cuidado educacional, sem qualquer consideração espiritual, seus pais e seus circundantes atuariam na sua psique e ele se defenderia melhor. Cuidados clínicos proporcionariam o equilíbrio hormonal e ele consolidaria seu mecanismo sexual.

Devido à falta disso, o seu ovóide obsessivo absorveu toda, ou quase toda, energia hormonal e seu sistema psicofísico sexual ficou irremediavelmente perdido. Daí para a sodomia foi o passo mais lógico. Se ele fosse ainda mais afortunado e tivesse recebido cuidados mediúnicos, teria, então, compensado a alimentação hormonal. Seu cobrador, embora realizasse a cobrança, o reajuste, o faria com menores danos. (SASSI, s/d, p. 111).

Esse é um dos momentos cruciais quanto ao discurso das categorias de gênero enquanto construção social, aos quais as teóricas feministas sempre defenderam. A intervenção proposta no diagnóstico da Clarividente, segue exatamente os construtos de classificação e imposição dos sexos, impedindo qualquer forma de manifestação ou identificação, sob as concepções dos desejos a sexualidade.

E quanto à religião, é uma faca de dois gumes. Se, de um lado, traz um comportamento moral, por outro traz a má interpretação dos fatos naturais. Em todo caso, creio que o balanço ainda é favorável à religião. Sem ela, as manifestações sodomitas seriam mais numerosas com a liberdade social.

Talvez a prisão moral-religiosa seja mais dolorosa, faça com que o indivíduo sofra mais. Mas será sempre menor o número de indivíduos anormais, isolados nos seus complexos.

Já a atitude liberal, não religiosa, tira o sentido verdadeiro de anormalidade, para conceituar a sodomia quase como uma coisa normal. Haja visto a notícia que a gente tem de classes, ajuntamento de sodomitas e, até mesmo, casamento entre homens, como os jornais noticiam de vez em quando. É preferível a tirania religiosa! (SASSI, s/d, p. 113).

Podemos perceber a interface a que se refere em *História da Sexualidade* de Foucault (2012) e o discurso religioso ao qual o Vale do Amanhecer se apropria, tentando dar forma científica e racional sobre os meios que legitimavam patologias e, pensando de forma mítica, justificativas para esses discursos.

Pollak (1990), ao nos trazer luz acerca da patologização da homossexualidade através da AIDS, nos mostra em sua história, a também patologização da homossexualidade como distúrbios mentais e o grande interesse das ciências pela venda de tratamentos impositivos de normatização de indivíduos. Tal interesse, não seria um suposto de procura do Vale do Amanhecer como cura?

Existe um embaralhado de conceitos a que o espiritualismo cristão do Vale do Amanhecer se apropria sobre o caráter de construções sociais históricas sobre a homossexualidade. O que poderíamos pensar o quão presente e míticas elas foram, desde que já eram vistas e revistas por pesquisadores, mas que o espiritismo tenta ressignificá-las para entoar em um caráter de razão.

Como já havia percebido Machado e Piccolo (2010), o que existe é uma aceitação com restrições das doutrinas espíritas kardecista e/ou à brasileira, sobre a homossexualidade. No

Vale do Amanhecer também. Contudo, as concepções as quais se baseiam suas regras e normas são bem mais ferrenhas. Essa aceitação tem sempre um lugar para a homossexualidade como Petter Fry (1982) já havia mostrado em seu livro *Para inglês ver*, em um estudo sobre as homossexualidades masculinas em cultos, o que existe é uma hierarquia que posiciona corpos em face de suas sexualidades.

As últimas falas que a Clarividente professa no texto, mostra a sua convicção da anormalidade da homossexualidade e diverge no que prega sobre o tripé de sua doutrina religiosa; “amor, humildade e tolerância”. Antes de seu tripé “é preferível à tirania religiosa” ou “que o indivíduo sofra mais”.

Mesmo tendo sido escrito na década 1980, o texto *Sodomia* traz perspectivas que mostram um pouco sobre a moral religiosa do Vale do Amanhecer com relação à homossexualidade. Essas perspectivas, afetam em grande parte aqueles homossexuais que tem acesso (coisa rara na religião), causando confusões e busca de sentido para seus carmas com a homossexualidade. Confusões que se caracterizam pelo acreditar adoecer em caráter físico/espiritual, buscando sua cura sem resultados maiores.

### **Considerações Finais**

As características históricas ao qual se fundamenta o Vale do Amanhecer, tendem a trazer uma discussão ampla acerca de sua identidade. Mesmo tendo como base o espiritismo kardecista (Francês) e o candomblé (Africano), o Vale do Amanhecer se concebe com uma identidade própria; a espiritualista cristã, na qual são formadas as identidades dos sujeitos participantes da doutrina religiosa.

Essa formação é dada a partir do empoderamento de sua fundadora, a Tia Neiva, médium clarividente que ao criar a doutrina religiosa trás sobre seu seio fundamentos e regras que resultam na identidade do sujeito participante. Da mesma forma que regulam comportamentos e ações no espaço sagrado. As normas e regras que organizam o Vale do Amanhecer partem do suposto característico do capitalismo, a hierarquia, por conseguinte, a desigualdade perante demais relações de poder.

Isso nos dar bases a pensar que, inspirada pelas ideologias de uma perspectiva cristã com bases patriarcais e o suposto do capitalismo que partem da hierarquia, poderíamos então chegar à criação do suposto discursivo ao qual se fundamenta a visão do Vale do Amanhecer, dentre esses, a sexualidade como temática de interesse.

Pensar as homossexualidades conforme o discurso citado nos livros e documentos da doutrina religiosa, é ressuscitar alguns mortos do passado que condenaram a homossexualidade, levando a partir de seus ideais, falas que seriam legítimas por se compreenderem nos campos da ciência, da religião e da política. A começar pelo texto *Sodomia* e o termo ao qual se intitula. O que então se refere ao texto, a fundadora muito clara de suas concepções cosmológica, traz sobre uma perspectiva de culpa alguns determinismos como causas para uma suposta doença sexual ou desvio sexual, que poderíamos caracterizar em determinismo biológico, as concepções que expõe a genética como fator do ser homossexual; um determinismo cosmológico, ao qual se refere à homoafetividade como carma; e um determinismo psicossocial, quando enfatiza a culpa das instituições sociais as quais um sujeito vive e que conseqüentemente interfere nas suas relações sociais. Os três determinismos se enlaçam em meio a uma confusão de ideias sobre a história de um único sujeito.

As bases a que se inscreve o texto *Sodomia* enfatizam classificações históricas que sempre estiveram relegando a abjeção, a homoafetividade. O que pode causar em um homossexual participante da doutrina religiosa, conflitos com os quais questione sua própria aceitação no espaço sagrado, desde que foi o “espírito da verdade” que lhes deu a condenação. Logo, as bases se desestabilizam com os conflitos de ideias, hora uma doutrina sem preconceitos, hora configurações morais que condenam e culpam, além de levar a pensar a aceitação de uma vida marginal, porque uma divindade lhes determinou que vivesse.

Ressuscitar fantasmas é conceber medo pelo desconhecido. Se assim pensarmos, os mortos das concepções teóricas do *Cabeça Grisalha* poderiam se materializar como falta do conhecimento de si próprio, como o medo de ter uma doença, como o receio de ter feito mal a alguém em uma vida anterior e ter que pagar por isso, nessa vida. Como também ter vergonha perante os demais pela sua sexualidade. Como culpar pais e professores por nunca terem entendido os silêncios da vida. Enfim, a ruptura com bases em algumas acusações causa conflitos internos que geralmente se manifestam em questionamentos de si próprio.

Durante nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de encontrar dois sujeitos que confirmam, com suas histórias de vida, as hipóteses que trouxemos nessas considerações finais. No entanto, preferimos não trazê-las nesse momento, postergando essa curiosidade para outras futuras publicações.

## Referências

ÁLVARES, Bálamo. **Tia Neiva, Autobiografia Missionária**. Brasília: Vale do Amanhecer, 1992.

ARAUJO, A. **Espiritismo esta loucura do século XIX: ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

BIANECK, Desirée Varella. A culpa, a reencarnação e os novos paradigmas da ciência. **Revista de Psicologia**. Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 127-135, jan.-jun. 2012.

BIRMAN, Patrícia. Transas e Transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. **Estudos Feministas**. Florianópolis v. 13, n. 256, p. 403 – 414, mai./ago. 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 9º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALOU, Antonio Leonardo Figueiredo. Política e Religião na perspectiva comparada: as histórias que narram a chegada do Vale do Amanhecer no Cariri Cearense. In: 14º Congresso de História da Educação no Ceará. **Anais: História de mulheres: Amor, Educação e Violência**. Fortaleza, UFC, jun. de 2015.

\_\_\_\_\_. **De Sodomia a Príncipes Mayas: uma análise queer das teopolíticas do Vale do Amanhecer**. 2018. 181f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religiões) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade do saber**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 22º ed. São Paulo: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar editora, 1982.

GUERRIERO, Silas. **Novos Movimentos Religiosos: o quadro brasileiro**. São Paulo: Paulinas Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. Novidades Religiosas: entre relativismos e fundamentalismos. In: BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira, PASSOS, Mauro e SILVA, Wellington Teodoro da. (Org.). **O Sagrado e o Urbano: diversidades, manifestações e análise**. São Paulo: Paulinas Editora, 2008.

GIUMBELLI, Emerson. (Org.). **Religião e Sexualidade: convicções e responsabilidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Salvador Gentile. Revisão de Elias Barbosa. 134° ed. Araras/SP: Instituto de Difusão Espírita, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 131° ed. Brasília: FEB, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos e PICCOLO, Fernanda Delvalhas. (Org.). **Religiões e Homossexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo. Entre o ‘Pecado’ e o ‘Amor’ de Deus: comentários sobre a experiência da homossexualidade em igrejas evangélicas tradicionais e igrejas inclusivas. In: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). **Contra Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2011, p.105 - 116.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social: Revista de Sociologia USP**. São Paulo. v. 5, nº 1-2, p. 113 – 122. 1994.

OLIVEIRA, Amurabi. A nova era com um jeitinho brasileiro: o caso do Vale do Amanhecer. **Debates do NER**. Porto Alegre, ano 12, nº 20, jul-dez, 2011.

POLLAK, Michel. **Os Homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

RODRIGUES, Joice Meire. **Ninfas e Jaguares: uma interrogação feminista sobre o universo religioso do Vale do Amanhecer**. 2011. 217f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2011.

STOLL, Sandra Jacqueline, **Espiritismo à brasileira**. São Paulo, Edusp/Orion, 2004.

SENA, Daniel Lucas Noronha de. **Vale do Amanhecer: um fenômeno religioso da contemporaneidade**. 2014. 115f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade de Estadual do Pará – UEPA, Belém, 2014.

SASSI, Mário. **Sob os olhos da clarividente**. Brasília: Mestre Kazagrande Acervo Digital, s/d.

\_\_\_\_\_. **O que é o Vale do Amanhecer**. Brasília: Vale do Amanhecer, 1979.

\_\_\_\_\_. **Minha vida, meus amores**. Brasília: Vale do Amanhecer, 1985.

SILVA, José Carlos Nascimento. **Observações Tumarã**. Brasília: Mestre Kazagrande Acervo Digital, 2008.

TOLOVI, Carlos Alberto. Espiritualidade e Espiritualismo. **Tendências Caderno de Ciências Sociais: Ciência e Experiência – artigos e ensaios sobre espiritualidade**. Crato – CE, n. 3, p. 17 – 38, set. de 2005.

**RECEBIDO em 23/08/19**  
**APROVADO em 07/01/20**